

MANOEL NOVAES UMA OBSERVAÇÃO: JANELAS PARA REFLETIR O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E A PRÁTICA DOCENTE NO CAMPO DA HISTÓRIA

Daniela Souza Torres e Júlia Rosa Castro de Britto*

RESUMO: *Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do estágio de observação da disciplina Metodologia e Prática do Ensino de História II, realizada no Colégio Manoel Novais, durante os meses de abril e maio de 2005, resultando na construção /e elaboração de um artigo. O estudo desenvolveu-se a partir da observação participada e da análise bibliográfica. Assim, a prática pedagógica observada contribuiu para a reflexão acerca do processo ensino / aprendizagem de História.*

Palavras-chave: Educação; Ensino; História.

INTRODUÇÃO

Este artigo é relato do estágio de observação retratando o cotidiano da escola pública, escolhida como campo de atuação. Trata-se de uma análise dos principais problemas que norteiam a prática pedagógica do professor de História e como os alunos reagem ao fazer na disciplina.

Para a realização do trabalho final da disciplina Metodologia e Prática do Ensino de História II, foi escolhida a Escola Estadual Deputado Manoel Novaes, local do estágio de observação, na turma do 2º ano J.

A turma que observamos era do turno vespertino composto por um grande número de alunos no Ensino Fundamental II, Médio. A instituição ainda oferece, no turno oposto ao qual o aluno está matriculado, atividades extracurriculares como música, dança e teatro. Essas atividades se localizam em uma ala exclusiva da escola, possuindo também os instrumentos para o bom funcionamento das aulas, tendo professores especializados e contando ainda com monitoria de alunos egressos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E A PRÁTICA DOCENTE

Algumas escolas da rede estadual de ensino vêm mantendo uma educação diferenciada mesmo com o descaso do poder público. Nestas escolas, a relação entre o aluno e aprendizagem é intermediada por uma prática pedagógica que propicia novos posicionamentos a partir de uma análise reflexiva e não à aplicação de um modelo pronto baseado em uma visão tradicional e reprodutivista.

* Estudantes do Curso de Licenciatura em História - Universidade Católica do Salvador – UCSal. E-mail: danielaujs@yahoo.com.br; juliabritto@zipmail.com.br, Co-autoras. Orientador: Carlos Augusto Lima Ferreira, Professor, Doutor do Departamento de História da Universidade Católica do Salvador – UCSal. carlos@ucsal.br.

O Colégio Manoel Novaes busca uma educação diferenciada, é frequentado por alunos de bairros de classe média e baixa, embora esteja inserido num bairro nobre de Salvador. Os alunos se diferenciam pelo nível de conhecimento adquirido ao longo de suas vidas, chegam ao ensino médio com dificuldades de aprendizagem, resultante de um ensino público sem qualidade.

Cabe à escola o papel de conscientização da importância da aprendizagem. Porém, não podemos perder de vista que “... a escola como instituição social determina aos seus próprios integrantes os comportamentos que deles se espera”. (CUNHA, 2004, P. 65), tornando-se fundamental na formação do cidadão.

O projeto educacional da Escola Manoel Novais é voltado para a formação integral do educando, possibilitando a este se integrar o mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania, da vida cotidiana e do mundo do trabalho. Desta forma, a escola volta-se para um ensino contextualizado, que possua vínculos significados, incentivo à reflexão, desejo pela aprendizagem mediante trabalho contínuo e interdisciplinar, com base na pedagogia de projetos reforçada nas atividades integradas.

A instituição, mesmo inserida em uma realidade adversa, busca, através do seu projeto pedagógico, identificar essas nuances e romper com a situação vigente, propondo ao corpo docente um novo fazer pedagógico, viabilizando uma aprendizagem significativa, diminuindo a evasão e a indisciplina em sala.

Percebemos que a professora de História tem uma prática pedagógica pautada numa perspectiva sócio-construtivista, que reflete a participação ativa dos sujeitos no processo de sua aprendizagem, gerada a partir das interações grupais e das intervenções feitas pelos professores a partir do contexto sócio-econômico, político e cultural do educando, dando um novo significado aos conceitos e conhecimentos já adquiridos. A integração desses conceitos numa abordagem interdisciplinar possibilita condições favoráveis para garantir uma aprendizagem significativa e motivadora.

Neste sentido, Hilda Beatriz Dmitruk nos apresenta uma alternativa para a construção de uma prática pedagógica mais eficiente.

Uma prática do ensino de História nesta última perspectiva de indagação e de construção de conhecimento “reunificando teoria e prática, ensino e pesquisa”, apresenta-se como processo de mão dupla que, tanto exige uma mudança de abordagem radical em relação às formas tradicionais de ensinar como nas formas de aprender. Pois, nessa empreitada muitos professores defrontam-se com desafios de superar a apatia e desinteresse dos alunos pela história e a resistência em tornar-se sujeitos do processo ensino-aprendizagem. (DMITRUK, 1998, p. 68)

Dessa forma, o conhecimento é o resultado de um processo construtivo, gerador de outros significados, permitindo ao aluno/sujeito interpretação e reflexão da realidade vivida no contexto atual. O conhecimento é criado e elaborado a partir do mundo vivenciado, é a elaboração e o desenvolvimento do conhecimento que estão relacionados ao processo de conscientização. Essa concepção está fundamentada em quatro pilares básicos: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver.

Aprender a aprender pressupõe saber selecionar, acessar e agregar os elementos de uma cultura geral, construindo o conhecimento de forma investigadora, crítica, participativa e prazerosa. Ou melhor, o sujeito tem que desenvolver a capacidade de “aprender a aprender” ao longo de sua vida.

Segundo Selva Guimarães Fonseca, “tornar-se professor (a) de História é aprender a cada momento e em todos os lugares o que nos ensina a ‘fornecedora de sensatez’, a ‘professora da verdade’ e a ‘mestra da vida’: a história” (FONSECA, 1998 p. 86).

Para Perrenoud, aprender a fazer compreende o desenvolvimento do saber no intuito de relacionar e aplicar o conhecimento teórico construído. O autor nos afirma que “saber alguma coisa já não é mais suficiente para o ensino, é preciso saber ensinar e construir condições concretas para seu exercício” (PERRENOUD, 2000, p. 14-15), formando, assim, cidadãos politizados, conscientes de suas condições sociais, capazes de lutar para construir uma sociedade mais justa e solidária.

Aprender a conviver implica compreender a importância de se inter-relacionar com outras pessoas, pois, para existir uma sociedade justa, é necessário respeitar as diferenças, sejam elas de crença, de cor, de estilo, de nacionalidade, de cultura ou de vida.

Aprender a ser consiste na busca do desenvolvimento da personalidade com autonomia e responsabilidade, formando indivíduos capazes de fazer a sua própria história, expressando suas opiniões e assumindo as responsabilidades pessoais.

Tais competências estão presentes na prática pedagógica da Professora Raimunda Marta Gesteira de Souza, que, durante as suas aulas de história, preocupa-se com a formação integral do educando como cidadão.

Observação

A observação foi realizada em 14 aulas, da professora de História, Raimunda Marta Gesteira de Souza, formada em História pela Universidade Católica do Salvador.

Durante esse período, percebemos que a professora utilizou a prática de seminários, em equipes, como metodologia para trabalhar os conteúdos referentes à História do Império e da República Brasileira. A princípio, percebemos que a metodologia não apresentava um bom resultado na aprendizagem, pois os alunos não dominavam o conteúdo, e a sala possuía uma dispersão muito intensa. A turma estava bem desinteressada, embora a professora tentasse estimulá-los, buscando outros caminhos como o debate, e questionamentos acerca dos temas trabalhados.

Ao final dos seminários, a Professora discorreu sobre a importância da aprendizagem para a formação social e profissional, dialogando com a turma sobre a realidade econômica na qual eles estão inseridos, conscientizando-os sobre a desqualificação do ensino público e as consequências de um ensino sem compromisso.

Nessa perspectiva, construímos um *saber-fazer*, onde o professor contribui para que os alunos reflitam a sua realidade, possibilitando desta forma que eles percebam e entendam-se como agentes sociais, potencializando-se “como sujeitos da aprendizagem e da História” (DMITRUK, 2001, p. 60), mas, para tanto, não podemos perder de vista, que o ensino e aprendizagem de História encontram-se em processo de reconstrução, como disciplina desde a queda do regime militar discutindo e propondo novas reflexões, e, em contra-partida, uma nova ação na docência.

Esse momento nos fez compreender de que forma a professora percebe o mundo, de que forma ela espera que seu aluno aprenda a disciplina. Entendemos nessa observação que “toda a forma de conhecimento apresenta-se como uma leitura de mundo” (FREIRE, 1991 P. 55), onde a produção do conhecimento ocorre nas relações dos sujeitos com os objetos do mundo, permitindo desta forma que todas as experiências humanas sirvam como ponto de partida para que os homens possam construir sua visão de mundo, relacionando-se no seu contexto de forma crítica.

Sendo assim, a relação professor/aluno assume uma concepção do saber construído, podendo ocorrer troca de experiências permitindo que o aluno faça as suas correlações e assimile o conteúdo de forma significativa com o seu contexto.

Nesse contexto, é papel do professor como enfatiza a autora Sônia Nikitiuki “... relações de ensino-aprendizagem não se pode, portanto descurar do registro lido e/ou produzido. É responsabilidade do professor abrir as janelas desse saber” (NIKITIUKI, 2001 p. 24).

O professor deve ser sensível para despertar em seus alunos que todos podem ver através da *janela*, perceber que a História é feita por homens que participaram e participam do processo histórico. É fazer com que os alunos percebam que o mundo pode ser discutido de diversos olhares, pois se constituem de indivíduos diferentes, homens com diversas visões de mundo.

Neste sentido, o professor deve entender que não importa o caminho, porém o ponto de chegada deve ser o “processo do pensamento histórico como via para o saber” (NIKITIUKI, 2001 p.19). O educador precisa trabalhar o conhecimento com o contexto do aluno para que este crie suas reflexões de mundo, valorizando os seus conhecimentos prévios e todas as experiências de vida.

Assim, o caminho do processo de ensino-aprendizagem, para a formação social e profissional do educando é o de convidá-lo a refletir sobre sua realidade, conscientizando-o sobre o ensino público e a qualificação necessária. Isto nos permitirá um distanciamento da educação voltada para a reprodução, levando uma ação transformadora. Ação essa que nos impulse a novas reflexões dentro de um processo escolar interativo, através do qual professores e alunos desenvolvam processos pedagógicos que reconstruam com sentido e significado a História, empenhando-se em implantar uma proposta de educação comprometida com a transformação da sociedade, voltada para a formação do cidadão crítico.

Notamos que, na escola, apenas as professoras de História e Português desenvolvem trabalhos interdisciplinares. A atividade proposta por ambas consiste em analisar a questão social no Brasil, dando ênfase às questões étnicas. Essa construção implica a superação da dissociação da teoria e da prática. É um processo contínuo de elaboração do conhecimento de forma circular.

O trabalho interdisciplinar constou de quatro etapas: Na primeira, os alunos receberam a música “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro” do grupo musical O Rappa e responderam questões formuladas pelas professoras de História e Português, com o objetivo de estimular a compreensão do texto.

Na segunda etapa, organizou-se um debate sobre a questão do afro-descendente no Brasil. Na terceira etapa, estabeleceu-se uma comparação entre o negro escravo do século XVI e o negro livre do século XX. Na quarta etapa, ocorreram as apresentações em forma de jogral, música, poesia, peças e seminários.

O trabalho apresentou um resultado excelente, pois levou a turma à reflexão sobre sua realidade étnica, permitindo um melhor embasamento teórico, dando-lhe possibilidades de ampliar as informações e argumentações acerca da luta contra o preconceito.

Ao acompanhar as aulas da Professora Raimunda Gesteira, vimos que a mesma se distancia desta visão tradicional de tornar refém das verdades dos conteúdos, ausentes de diálogo com novas temáticas e novos objetos de estudos, reproduzindo para o aluno toda a carga de conteúdos expressos nos livros, notadamente os didáticos. É claro que os aspectos de conteúdo devem estar presentes no processo de ensino-aprendizagem, mas estar centrado apenas no conteúdo não deve ser o único critério para desenvolver as atividades pedagógicas e avaliar o indivíduo.

Dessa forma as:

Aulas expositivas de história ‘verdadeira’, com conteúdos prontos e acabados, distantes da realidade do aluno, apenas reproduzem uma visão da história tradicional. Nesta visão, o passado aparece como processo único, homogêneo linear, periodizando arbitrariamente, cheio de estereótipos, preconceitos e

maniqueísmos que impedem o raciocínio histórico dos indivíduos, de alunos de professores. (DMITRUK, 2001, p.64).

Ao longo da observação, pudemos perceber que a Professora Raimunda Gesteira, em suas aulas, parte da prática para a teoria, levando o aluno à reflexão, preocupando-se, pois suas aulas são sempre inovadoras, contribuindo para a renovação do exercício docente, como enfatiza Sônia Nikitiuk:

Repensar o ensino,
Repensar a História,
Repensar o ensino da História,
Repensar as relações entre ensino e História,
Repensar as relações entre quem ensina e quem aprende,
Repensar no ensino o que aprender e como ensinar...
(NIKITIUK, 2001, p.7).

CONCLUSÃO

Esta experiência nos trouxe uma reflexão acerca do que percebemos no ensino público. O período do estágio de observação nos proporcionou ensinamentos relevantes no sentido de desenvolvermos a busca de uma prática coerente na perspectiva de contribuir com um fazer pedagógico no ensino de História, contudo não podemos perder de vista que esta é uma realidade difícil e que tem diversas faces com as quais o professor se depara no seu cotidiano. Na observação identificamos erros e acertos de uma professora comprometida e estamos cientes de que o espaço da sala de aula pode e deve ultrapassar os limites da realidade dos seus muros e das redomas da universidade onde muitos ainda se escondem.

No exercício da disciplina, descobrimos que o professor de História tem um fundamental papel social de transformar os códigos do mundo contemporâneo, possibilitando que os educandos tenham acesso ao patrimônio social, construído ao longo da História, com vistas a elaborar e desenvolver novas ações e dialogar com novas abordagens, rompendo com os grandes feitos e uma História pronta e acabada. Bem ao contrário, entendê-la no seu cotidiano, verem-se como sujeitos históricos que se constituem como instrumentos para o exercício da cidadania democrática e da atuação crítica, ou seja, o professor deve ser um agente de formação e transformação na geração de novas aprendizagens, permitindo que os sujeitos sejam capazes de também intervir na sociedade.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Ironias da educação mudança e contos sobre mudança**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

CASTANHO, Maria Eugênia, CASTANHO, Sérgio E. M. **Revisitando os objetivos da educação**. In. VEIGA, Ilma P. Alencastro. Didática: O Ensino e Suas Relações. 5ª edição, Campinas SP.: Papirus Editora, 2000.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e Sua Prática**. 16ª Edição, Campinas, SP: Papirus Editora, 2004.

DMITRUK, Hilda Beatriz. **A História que fazemos. Pesquisa e ensino de História.** Chapecó: RS: Fulas, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 13º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino em História.** Campinas, SP: Papirus, 2003.

NIKITIUK, Sônia L. (org.). **Repensando o Ensino de História.** 3º Ed. São Paulo: Cortez Editora (Coleção questões da nossa época; v.52). 2001.

OLIVEIRA, Margarida M. Dias. **Inovação do Ensino de História: Confronto Entre a Teoria e a Prática de Sala de Aula.** In: **Cardernos de História.** V4/8 nº 2/1 Natal: 1998.

PERRENOUD, P. **Práticas Pedagógicas, profissão docente e formação.** Porto: Porto Editora, 1993.

<http://mec.gov.br/sesu/ftp/resolucao/1302historia.doc> acesso em 29 de julho 2005.